

**Palcos e salões**

Pouco tem havido, pouco e bom.

No *Principe Imperial* a *Archiduezza* ainda não terminou a sua missão gloriosa.

Continúa a dar enchentes.



O Sant'Anna, variando de espectaculos, pois que para isso conta com um repertorio farto e rico, é sempre o theatro das boas gargalhadas.



O Recreio, o theatro das peças nacionaes, representou outro dia uma boa imitação do *Piperlin*, devida a penna do Dr. Moreira Sampaio, com o titulo de *Fagundes & Companhia*.

Agradou muito o *Piperlin* brasileiro.



O theatro das Novidade não vae mal. E' um magnifico ponto de conversa e para os encontros agradáveis. Todas as crizes se admittem alli: as grandes crizes da natureza, as crizes bancarias, as crizes ministeriaes, menos as crizes algibeiraes.



Esteve magnifico, animado e concorrido o saráu dramatico, artistico e dansante, dado na noite de 28 pela Real Sociedade Club Gymnastico Portuguez.

Um grande numero de distinctas pessoas abrilhantaram a festa com as suas presenças.

S. ANIL.

**Tics parlamentares**

Na segunda-feira, 9 de Carlos Magno, o ministerio mandou uma cartinha, em elegante velino, tresandando a patcholy, umas palavras a cada um dos Srs. deputads.

O ministerio pedia á camara que não faltasse á sessão do dia seguinte (10 de Carlos Magno) por que devia-se tratar do cousas... do *arco da velha*...

O ministerio está no chão.

*E foi o Gaspar que teve a culpa...* como diz *madame l'Archiduke*.



O Sr. Alfredo Taunay disse, em um aparte dado ao Sr. Maciel, que fallou muito em carne seca na camara, que a dita e o bacalháu deviam ser supprimidos por serem alimentações grosseiras.

A carne seca, dizemos nós, nunca será supprimida no Brazil enquanto houver feijão e bons estomagos.

O *bacalháu*, sim, qualquer dia estará fóra da circulação, com toda a certeza.



Na camara, quatro dias seguidos não houve sessão, por falta de numero tendo setenta e tantos deputados, no entanto segundo a lista lida pelo primeiro secretario só compareciam 48, sempre 48!

Em fim elles são homens lá se entendem.

COMT'OSCAR.

**Bibliographia****CARTA A MUCIO TEIXEIRA**

(Depois de ler seu ultimo livro)

Iguassú, Junho, 1882.

*Mucio*

Foi com agradavel surpresa que recebi o teu primoroso livro de poesias — *Prismas e Vibrações* — ultimamente dado á lume, e em cuja primeira pagina, encontrei a seguinte dedicatória de teu proprio punho e eminentemente humorística:

« Ao meu BYRON, isto é, ao João Antonio de Barros Junior, não o Dr... nem tão pouco o juiz (não sei do quê) mas ao mephistophelico Poeta do *Emilio* e das *Sensitivas*. »

Agradeço-te, e devo antes de tudo dizer-te francamente — essa tua dedicatória, muito original, resume o juizo mais perfeito que se póde fazer dos homens formados nas nossas Academias de Direito que, como eu, encétam o cargo da Magistratura, muito mal pagos, e envelhecendo no serviço publico durante mais de nove annos, sem esperança de accesso, ou antes esperando á cada momento perseguições cruentas, engendradas pelos espiritos máus.

Mais vale não ter um pergaminho!...

Ha n'essa dedicatória tudo isso que é uma profunda e triste verdade (!) menos na parte em que me comparas com o grande *lord* poeta, de quem sempre fui o seu admirador. Eu posso, entretanto, chamar-te o meu *Musset*.

Li e fez-me bem o teu livro, pelos *prismas* scintilantes que me alegraram os olhos d'ama, e pelas *vibrações* sonoras de teus rythmos harmoniosos, que me encantaram o coração, infiltrando um sentimento doce e consolador.

Eu quizera escrever um juizo critico digno do teu mimoso livro, porém, não sei dizer essas cousas que tanto me preocupavam o espirito em outros tempos felizes da mocidade, bons tempos em que eu sentia essa *molestia agradavel* da poesia que nos *adormece em doces extasis*, como se estivessemos á sombra da *Mansenilheira do Amor*. \*)

Com tudo:

..... Embora o desalento  
Por vezes me interrompa a acção do pensamento, \*\*)

quero enviar-te aqui o meu sincero reconhecimento pelos *Tres Párias*, que me dedicaste: tres grandes almas populares, talhadas pelo teu grande talento para ensinamento das tres formosas idéas:

- O amor da Liberdade!
- O amor da Patria!
- O amor da Honra!

No primeiro *Pária* consubstanciaste o horror á escravidão, e levantaste bem alto a bandeira humanitaria do abolicionismo.

\*) *Prismas e Vibrações*, pag. 136.

\*\*) *Prismas e Vibrações*, pag. 9.

Deixa-me transcrever essas magnificas estrophes :

Disse o joven sargento : «Emquanto junto aos bravos,  
No campo do estrangeiro a Patria eu defendia,  
Meu pai (que foi outr'ora o meu *senhor*) vendia  
A minha pobre mãe a um mercador de escravos.»

Na venda d'esta infeliz mãe escrava, e pelo proprio *senhor* que com ella houvera um filho brioso que se batia em defeza da Patria, justamente no momento em que era vendida, synthetisas toda a infamia da escravidão, ou antes demonstras que a escravidão é *a somma de todas as infamias*, segundo a expressão de Wesley, e de todos os bemfeitores da humanidade.

2º *Pária* :

Disse o corneta : «Eu vi meu pai, arcabuzado  
Cahir, estrebuchando, ao pé da bateria  
Onde fizera fogo... E emquanto elle morria :  
Eu vibrava o clarim á frente do quadrado.»

Está aqui burilado o verdadeiro heroismo que colloca o amor da Patria ácima de tudo, até mesmo n'este momento luctuoso em que morre um pai pela mesma causa santa porque se bate seu filho.— São, pois, dois heróes — acção que electriza e exemplifica gloriosamente : — Esse clarim tem *vibrações* que todos ouvem, assim como os gemidos d'esse pai moribundo ; — ainda mais : — é um symbolo do dever militar, e um symbolo da *Gloria* que entrevê aquelle soldado á frente do quadrado, e o pai moribundo em frente á Eternidade !

3º *Pária* :

Disse o velho anspeçada (e arreventou-lhe o pranto) :  
« Quando voltei ao lar, ferido do combate,  
Achei minha mulher nos braços d'um mascate...  
Estranguleia-a aos pés !... —E eu a amava tanto ! »

Eis o sentimento da honra ultrajada que desvaira o homem casado brioso que mata a esposa adúltera, e ao mesmo tempo um remorso, portanto, um arrependimento, um castigo quando elle diz :

«..... E eu a amava tanto ! »

Não podias dedicar-me um trabalho mais ispirado e mais *volumoso* do que esses estrophes que ahí ficam immortalisadas no teu livro ultimo de *Prismas e Vibrações*.

D'essas estrophes, crê, é que emergem os *Prismas e Vibrações* que dão o nome ao teu livro e o illuminam entre acóordes harmoniosos.

Não ha no teu livro poesia que contenha idéas mais collossaes : — é a epopéa dos sentimentos nobres.

Esses *Tres Párias* valem o teu livro.

Só essa poesia bastava para sagrar-te poeta !

Ahi, em tão estreito molde, fundiste um mundo de idéas !

(Continúa)

## Conto rimado

HISTORIA DE UM GATO.

— Que horror ! que barbaridade  
gritou afflecto o Martinho,  
ao ver o gato estimado  
enforcado

no quintal do seu visinho.

— Ha maior perversidade ?  
que mal lhe fez o bichinho ?  
não me dirá *sôr* visinho ?

não me dirá ? —

Torna-lhe o outro — Esta agora  
não está má !

Entende então que fui eu ?

ora !... ora !... —

— O senhor, ou alguém seu... —

— De veras ? pois enganou-se  
o meu amigo ;

este seu gato eu lhe digo,  
tinha paixão escondida ;  
um dia scismou, zangou-se,  
tomou horror a esta vida  
por fim...

— Por fim ?

— Suicidou-se.

A. Pio.

## Vagalumes

Arthur tinha uma chusma de credores que o aporrinhavam...

Arthur deu ordem ao criado que não estava em casa para ninguem, fosse quem fosse e a que horas fosse.

O criado cumpria á risca a ordem do amo.

— Sr. Arthur está ?

— Não senhor... sahiu ; foi á Praia Grande. Estes dialogos ouvia-se todos os dias á porta do nosso Arthur, estudante de medecina, discipulo do doutor França & Leite... parteiro e operador.

Um dia Arthur ainda estava deitado. Eram sete horas de uma fria manhã de Junho, quando entrou um sujeito pela porta a dentro.

— Hom'essa ! quem é o senhor ? entrou pelo buraco da fechadura ? disse o estudante zangado, mas sempre conservando certa veia sarcastica, que não o abandonava nunca.

— Pois o senhor não me conhece ? devéras ? esta agora ! Eu sou um creador criado e... credor — responde o sujeito com ares de quem não admittia replicas.

— Credor ! mas então diga-me : em que o senhor crê ?

— Creio em que o Senhor me deve aquella continha e nunca mais se lembrou de pagar.

— Ora, meu amigo ! isto é superstição sua ! — disse Arthur cobrindo-se por causa do frio.

KARR. A. PATO.

## CARTA A MUCIO TEIXEIRA

(Depois de ler seu ultimo livro)

(Conclusão)

Não quero ser eg oista e nem julgado parcial no affecto por esses *Tres Párias*.

Ha no teu livro muitas outras gêmmas preciosas que deslumbrão, como sejam:

— *A Dedicatória* á memoria de tua Mãe;—oração purissima de um filho orphão que prantêa solitario sobre o tu mulo de sua Mãe.

— *A Ironia da Estatua* é tão perfeita que nos faz vêr Voltaire, com o seu sorriso philosophico e mordaz, constantemente deante de nós:—apostrophando valentemente os prejuizos do seu tempo!

Foste feliz na inspiração.

Reviveste VOLTAIRE com o seu sorriso que tanto apavorou o imperador Nicoláu, — sorriso com o qual no dizer de HUGO: «venceu o velho dogma, e o velho código. Venceu o senhor feudal, o juiz gótico, o padre romano; elevou a população á dignidade de povo. Ensinou, pacificou e civilisou.»

VOLTAIRE não morreu, graças á tua — *Ironia da Estatua* — e ás palavras profundamente eloquentes, como sempre, do Santo VICTOR HUGO, no centenario do grande homem.

— *Doces Cadeias*, poema em quatro cantos, inspiração de Campo Amor, é de um lyrismo encantador.

Os teus versos são nitidamente bellos.

Continúa a sonhar assim.

Lembro-te, porém, o conselho do poeta:

Cueillons les roses avant qu'elles se flettrissent

Quando subires a montanha e encontrares o teu horto — talvez não possas publicar mais versos — porque essa é a triste sina dos poetas brasileiros; tal privilegio só é dado na França ao grande VICTOR HUGO, o vidente octogenario do seculo!

Terminarei com as palavras inspiradas do nosso commum amigo e distincto poeta ZALUAR, que cerrou os olhos para sempre, a proposito da 1ª edição do meu *Emilio*, publicado no tempo das minhas puras illusões — que tambem morreram:

«O teu livro é uma verdadeira flôr da primavera do talento. Tudo ahi são gallas e perfumes.

«E' um poema para o coração, um livro para a alma.

«Quando se entra já coroado de flôres no portico do mundo litterario, não é difficil ser propheta predizendo-te os triumphos de uma carreira brilhante. E' o que nós fazemos.

«A aurora dispontou radiante!

«Aproveitemos o dia antes que o sol desapareça no occaso!

«Felizes de nós se podermos acompanhar as conquistas de teus novos louros com o nosso brado de cordial admiração.

«Avante!»

J. A. DE BARROS JUNIOR.

## FIM DA COMEDIA

O panno sobe, e o povo, satisfeito,  
Applaude a farça, e ao riso não resiste;  
«Gosta um moço da filha de um sugeito,  
E este não quer que a filha case; ao triste

No fundo do jardim promette a amante  
Um *rendezvous*, longe do pae tyranno;  
Mas pilha o velho o escandalo flagrante,  
E ambos vão casar-se ... e cáe o panno.»

Dizem os velhos que o theatro ensina,  
Então tu podes sem pezar, menina,  
Seguir este conselho: sóta a rédea

D'este amor, que é o meu e o teu tormento,  
Que ha de a nossa comedia em casamento  
Findar, como findou a tal comedia.

RAYMUNDO CORRÊA

## Parlamentices

O discurso com que o Sr. deputado Ferreira Vianna recebeu o ministerio Paranaguá, foi muito elogiado, muito commentado, muito applaudido. Para mim elle não passou de uma peça de sarchistia.

△

Depois que o ministerio Martinho entregou as pastas ao gabinete Lustosa, todos os deputados que votaram com a moção de desconfiança pediram a palavra para uma explicação.

Explicação de que?

Todo o mundo não sabe que um ministerio que não servia era muito justo que o botassem fóra?

△

Da deputação cearense o Sr. Meton é uma flôr. E como tem espirito!

Mal S. Ex. abre a bocca para dar um aparte, cahem as catadupas de riso no recinto e nas galerias.

△

Os *habitués* das galerias queixam-se que o ministerio Paranaguá não faz barulho.

E' um ministerio que não offerece meios de divertimento.

O do Martinho, oh! este sim.

O Sr. Ferreira Vianna, com a devida venia analysando um por um a todos os novos ministros, quando chegou ao Sr. Meira de Vasconcellos, da marinha, disse que o não conhecia, nunca o tinha visto mais gordo.

Nem eu tão pouco.

△

O Sr. Rodolpho Dantas já apparece todos os dias na camara, onde rouba a attenção das senhoras que occupam as tribunas, pela sua *pose*, pelo seu bigodinho preto e pela sua côr morena.